

A Revolução Angolana e seu Impacto Internacional

*Amabilly Bonacina
Rafaela Serpa**

RESUMO: Este artigo tratará do processo revolucionário angolano a partir da análise da Guerra de Independência e da Guerra Civil posterior, no período de 1975 a 2002, para compreender como se deu a inserção da Angola independente no Sistema Internacional. A luta travada no país entre os diferentes grupos nacionalistas - Movimento Popular de Libertação de Angola; Frente Nacional de Libertação de Angola; União Nacional para a Independência Total de Angola - devastou setores administrativos e econômicos e atraiu interesse tanto dos EUA e dos países europeus quanto dos países vizinhos como Congo e África do Sul. Da mesma forma, países como a URSS e Cuba tiveram grande papel na consolidação da Revolução em Angola.

PALAVRAS CHAVE: Angola; União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA); Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA); Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA); Revolução

* Graduandas em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1 Introdução

A Revolução em Angola ocorre dentro da segunda fase de independências no continente africano durante a década de 1970. Essa segunda onda foi marcada pela violência e pela radicalidade dos movimentos políticos, em decorrência, primeiramente, da intransigência da metrópole, e também da decepcionante experiência histórica da maioria dos Estados africanos, cuja descolonização e independência política foram vãs, pois não vieram acompanhadas de uma emancipação econômica e cultural, levando ao neocolonialismo. Dessa forma, a Revolução em Angola, de caráter marxista, traz à tona esses questionamentos, buscando alternativas de desenvolvimento.

Internacionalmente, a Guerra Fria passava pelo período de *détente*, o qual foi marcado pela diminuição das tensões entre Estados Unidos e União Soviética. Entretanto, essa diminuição das tensões não é percebida no continente africano. Como Vladimir Shubin (2008, p. XV) salientou, “as guerra travadas na África nesse período não foram frias, mas bastante quentes”. E, principalmente, tanto Estados Unidos quanto URSS atuaram diretamente apoiando os lados opostos do conflito. Regionalmente, as décadas de 1960 e 1970 na África austral foram de intensa tensão. Na Angola, na Namíbia, em Moçambique, na Rodésia (atual Zimbábue) e na própria África do Sul, grupos guerrilheiros buscavam a independência dos países e o fim dos regimes racistas.

O presente artigo tem como tema o processo revolucionário em Angola e seus objetivos principais são (i) entender a consolidação da revolução a partir do estudo dos processos de independência e da Guerra Civil no país; (ii) analisar o impacto da atuação dos atores internacionais para a Revolução e (iii) compreender os impactos da revolução no cenário da Guerra Fria. A hipótese central é de que a Revolução Angolana foi a mais influente das revoluções africanas do período. Para tal fim, o artigo se divide em apresentação do processo de independência, seguido da descrição da guerra civil e por fim a análise do seu impacto internacional.

2 O Processo de Independência em Angola

O império português foi o primeiro a chegar na África, ainda no século XV, e o último a sair, somente na década de 1970. Em Angola, a chegada dos portugueses foi em 1483, mas com atuação apenas no litoral, por meio de entrepostos. Apenas no século XX, com a ascensão do salazarismo em Portugal, modificou-se a atuação nas colônias africanas. Conforme Parada, Meihy e Mattos (2013), o impacto do Estado Novo português (1930-1974) nas colônias foi profundo, principalmente em Angola. O projeto “civilizador” de Salazar para as colônias portuguesas não abria espaço para autonomia política, econômica ou administrativa por parte do território colonial, e mantinha, por meio de uma forte repressão policial, uma política racial discriminatória. Essa política discriminatória e autoritária começaria a ser contestada em Angola no final da década de 1950.

A década de 1960 foi marcada pelas independências no continente africano; entretanto, estas não ocorrem nos *bastiões brancos* do sul do continente. No caso de Angola, Portugal recusa-se a conceder independência, autonomia ou qualquer direito político aos nativos. Essa postura do governo português deve-se aos problemas estruturais do país, como a economia, que não permitiriam promover uma relação pautada no neocolonialismo, como as efetivadas por Inglaterra e França. Dessa forma, a intransigência de Portugal acabou por desencadear a luta armada pela independência em Angola (VISENTINI, 2012).

Em 1961 começam as primeiras ações armadas em Angola. A guerra contra Portugal no país foi marcada pela presença de diversas organizações, com diferenças sociais, étnicas e ideológicas. Segundo Elizabeth Schmidt (2013), três organizações nacionalistas aglutinaram e dominaram a resistência armada em Angola. A primeira delas foi o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), fundado ainda em 1956, e liderado por Agostinho Neto. O MPLA, grupo de orientação marxista, era formado essencialmente por setores urbanos, assimilados, mestiços e pela etnia Ovimbundu, e estava localizado na área central-norte do país, incluindo a capital, Luanda (SCHMIDT, 2013). Vale ressaltar que o MPLA não prioriza a questão racial e étnica na sua concepção, abarcando toda a sociedade angolana (SILVA, 2008).

O segundo maior movimento de independentista angolano foi a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). A FNLA foi estabelecida em 1962, e tinha como líder e fundador Holden Roberto, cunhado próximo de Joseph-Desiré Mobutu, presidente do Zaire (atual República Democrática do Congo). Sua localização era no norte do país, na fronteira com o Zaire, e era majoritariamente rural. Diferentemente do MPLA, defendia a questão racial, principalmente relacionado aos brancos e mestiços presentes no outro movimento, se colocando como “representante do autêntico nacionalismo africano” (SCHMIDT, 2013, p. 81). Ideologicamente, defendia ainda a retórica anticomunista, sem uma alternativa explícita e estruturada, buscando atrair aliados ocidentais, como os Estados Unidos, e centrando-se na figura do seu líder (SCHMIDT, 2013; VISENTINI et. al., 2013).

O terceiro e último movimento de libertação angolano é a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), criada em 1966, a partir de dissidentes da FNLA liderados por Jonas Savimbi. A base da UNITA era o sul do país, com as etnias N'ganguela, Chokwe e Ovimbundu. Inicialmente se declara maoísta, mas logo toma uma postura anticomunista, com intuito de buscar novos parceiros externos e de se vincular ao bloco ocidental da Guerra Fria. Essa constante diversificação das parcerias levou Savimbi a cooperar com Portugal contra seus rivais, suspendendo suas operações militares em 1971, o que ficou conhecido como *Operação Madeira* (SCHMIDT, 2013).

Mesmo Portugal sendo considerado um país sem muitos recursos e de segundo escalão na Europa, é preciso considerar que seu potencial militar estava atrelado à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), da qual era membro. A OTAN, e, conseqüentemente, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, forneceram apoio estratégico e material na repressão aos movimentos de libertação africanos. Mesmo o Senado norte-americano tendo reconhecido, em 1959, a necessidade de levar em conta o sentimento anticolonial na África, os norte-americanos apoiaram Portugal até meados de 1974. Essa atuação dos países ligados à OTAN demonstrou o caráter internacional da guerra colonial portuguesa contra a África (KIERNAN, 2009; SILVÉRIO, 2013).

Segundo Visentini (2013, p. 342), “a estagnação econômica, a solidariedade internacional à luta pela independência e o desgaste militar português na África levaram ao êxito da resistência angolana” em 1975, devido às inúmeras ameaças ao poder colonial português. Junto a isso, pode-se ainda ressaltar a rápida mudança pela qual a sociedade portuguesa vinha passando no início dos anos 1970 - tanto pela perda do mercado colonial, devido à entrada no Acordo de Livre Comércio Europeu, quando pela crescente oposição da população ao regime ditatorial. Esses fatores culminam, em abril de 1974, na Revolução dos Cravos: movimento liderado por militares de esquerda portugueses que derrubou o regime salazarista em Portugal. A derrubada do Estado Novo permitiu que, já em julho de 1974, o novo governo anunciasse a concessão das independências às colônias africanas, o que Westad (2005, p. 218) denominou de “colapso do Império português”.

As negociações para o estabelecimento da independência em Angola de imediato se iniciam, levando à adoção, em 1975, do Acordo de Alvor. O Acordo determinava um governo de transição entre Portugal e os três movimentos de libertação angolanos (MPLA, FNLA e UNITA) com o propósito de estabelecer os parâmetros para a partilha do poder e limitar as ações dos três movimentos após a obtenção da independência de Angola. O governo provisório - composto pelos representantes dos três movimentos - logo se fragmentou, com o aumento das tensões pela tomada de poder (WESTAD, 2005).

Em novembro de 1975, ao mesmo tempo que o MPLA de Agostinho Neto declarou em Luanda a República Popular de Angola, com a retirada de autoridades e tropas portuguesas, a FNLA e a UNITA proclamaram, em Hambo, a República Democrática de Angola. Portanto, a partir proclamação da sua independência, Angola entrou em uma guerra civil entre o MPLA e o UNITA-FNLA que duraria até início do século XXI (WESTAD, 2005; VISENTINI et. al., 2013).

3 Guerra Civil (1975-2002)

A Guerra Civil angolana eclodiu no ano de 1975, acentuando as rivalidades que já vinham da época da pré-independência, e tornando Angola o centro da geopolítica africana e global. Segundo Castellano da Silva (2017, p. 212), “Angola foi palco dos interesses estratégicos de potências intermediárias da região (África

do Sul e Zaire) e de fora dela (Cuba), bem como das potências globais (EUA, URSS e China)”.

Após o Acordo de Alvor e a independência em novembro de 1975, constituiu-se dois governos paralelos, e mesmo com Portugal não reconhecendo qualquer um deles até 1976, os demais países do Sistema Internacional foram aos poucos reconhecendo o governo do MPLA. A independência de Angola desencadeou uma fuga em massa da minoria branca, de volta a Portugal, ao Brasil e à África do Sul, levando consigo sua riqueza e também seu conhecimento técnico, paralisando a administração e a produção do país. Ademais, o país era o local de investimentos de americanos, franceses, belgas e alemães ocidentais (VISENTINI et al., 2013; SCHMIDT, 2013).

Os primeiros ataques entres os grupos se dão com o avanço da FNLA, apoiada pelo Zaire, Estados Unidos e China, em direção à Luanda, que se encontrava sob o domínio do MPLA. Este, contando com o apoio do exército cubano, da URSS e da Alemanha Oriental, não teve dificuldades em derrotá-los. Ao mesmo tempo que combatia a FNLA no norte, o MPLA enfrentava a UNITA no sul, que realizava uma ofensiva junto do exército sul-africano, também sob apoio norte-americano e, de menor intensidade, chinês. A UNITA ocupou um território do sul de Angola como manobra para desestabilizar o governo do MPLA e sabotar a infraestrutura angolana. Tanto o Zaire quanto a África do Sul estavam determinados a instalar um governo alinhado em Angola, mas em 1978, por pressão dos EUA e de Cuba, Angola assina com o Zaire um pacto de não agressão, que foi cumprido, encerrando a atuação da FNLA no conflito, abrindo caminho para o total apoio norte-americano à UNITA (VISENTINI et al., 2013; SCHMIDT, 2013; HÖRING, 2015).

Com o desenrolar do conflito, a UNITA se financiava por meio do comércio de diamantes, extraídos das minas localizadas nos territórios que dominavam, além da ajuda dos países já citados. Nesse contexto, Agostinho Neto morre em 1979, passando o poder a José Eduardo dos Santos. Este, segundo Westad (2005), entendia bem o papel do MPLA na revolução socialista que vinha sendo liderada por Moscou. Já em 1980 o MPLA dava sinais de estar perto de derrotar a UNITA,

que, com o apoio da África do Sul, atacando a partir do Sudoeste Africano¹, tenta reverter a situação. Em 1981, Pretória lança a *Operação Protea*, uma grande invasão à Angola, possibilitando à UNITA disseminar sua campanha de guerrilha, acabando por ocupar a província de Cunene. Essa situação proporciona aos Estados Unidos iniciar as negociações usando-se do princípio de *linkage*². Apesar da reação angolana-cubana ter freado as investidas da África do Sul - cuja situação interna estava consideravelmente abalada, condicionada pelo *Apartheid* -, mesmo assim, a província Cunene ficou ocupada por sul-africanos até 1985 (VISENTINI et al., 2013; WESTAD, 2005; HÖRING, 2015).

Em 1984, África do Sul e Angola negociaram sob mediação dos EUA, resultando no Acordo de Lusaka, que definiu a retirada de Pretória dos territórios ocupados; em contrapartida o MPLA impediria a Organização do Povo do Sudoeste Africano, a SWAPO (sigla em inglês, *South-West Africa People's Organisation*), de usar territórios angolanos, se mostrando comprometida com o acordado pelo *linkage*. As relações sul-africanas com a UNITA não foram discutidas e, apesar do MPLA cumprir sua parte do acordo, o mesmo não foi respeitado pela África do Sul. A UNITA quis negociar uma participação no governo do MPLA e também exigia a retirada das tropas cubanas e soviéticas de Angola. Entretanto, estava cada vez mais dependente da ajuda advinda de Pretória. Nesse momento, na nova fase da Guerra Fria, os EUA aumentaram seu apoio aos movimentos racistas do sul do continente, para que continuassem a fazer oposição aos movimentos de cunho socialista. Do lado contrário, a URSS organizou três operações contra a UNITA e a África do Sul: a Operação Congresso II, em 1985; ofensivas contra Moxico e Cuando Cubando, em 1986; e a *Operação Saludando Octubre* em 1987, a fim de capturar a base da UNITA em Mavinga e falhando em sua missão (VISENTINI et al., 2013; HÖRING, 2015).

As tropas cubanas deixam o país em 1989, mesmo ano que a Namíbia consegue sua independência, influenciando as prioridades da África do Sul. Entretanto, os países ocidentais ainda apoiavam fortemente Savimbi. Em 1991, ressalta-se

1 O Sudoeste Africano, atual Namíbia, era um território ocupado ilegalmente pela África do Sul, não possuindo governo independente, tratando-se, portanto, de uma colônia sul-africana (CASTELLANO DA SILVA, 2017).

2 Consistia na proposta americana da retirada cubana em troca da independência da Namíbia, que Pretória aceitou (VISENTINI, 2010).

as mudanças sofridas pela economia angolana, entrando na lógica liberal pregada pelas instituições financeiras internacionais como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Ademais, se abre o governo ao multipartidarismo, levando a uma aproximação aos EUA. Em maio de 1991, firmou-se um Acordo de Paz em Portugal, e no ano seguinte Dos Santos (representante do MPLA) venceu nas urnas, não sendo reconhecido pelo líder da UNITA. Isso desencadeou o recomeço da guerra civil e a quase derrota as forças do governo. Rapidamente, o MPLA ocupa mais da metade do país, mas neste momento foi possível perceber a influência estrangeira na batalha travada em Angola: com a ascensão de Nelson Mandela em 1994 e a queda de Mobutu no Zaire em 1997, a UNITA perdeu forças, apesar da rendição só se dar em 2002 com a morte de Savimbi (VISENTINI, 2010).

4 Impacto Internacional

O primeiro impacto da Revolução Angolana, e das revoluções terceiro-mundistas que ocorrem simultaneamente na década de 1970, é o crescimento do bloco socialista. Com a cisão sino-soviética, cabia à URSS buscar novos parceiros para contrabalançar o desequilíbrio estratégico que a aproximação chinesa com os Estados Unidos causou na polaridade do Sistema Internacional (VIZENTINI, 2000).

A reação conservadora por parte das potências ocidentais que acabou por encerrar a *détente* esteve diretamente ligada às revoluções de caráter marxista vitoriosas nesta época, como a angolana. Assim como em toda a revolução, ocorrem as reações contrárias a essas mudanças, caracterizadas como contrarrevoluções (HALLIDAY, 1989). Essa reação inicia-se ainda no governo Carter, com ataques à coexistência pacífica por parte de Brzezinski, assessor da presidência; entretanto, sua formalização ocorreria com a chegada ao poder de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e Margareth Thatcher, no Reino Unido. A própria emergência do neoliberalismo pode ser caracterizada como parte de uma estratégia de contrarrevolução profunda. Em Angola, a contrarrevolução é encabeçada pela África do Sul, mantendo a ocupação no sul do país e apoiando a guerrilha UNITA, além de sabotar constantemente a infraestrutura de Angola (VIZENTINI, 2000).

Os Estados Unidos, e o bloco capitalista como um todo, saem derrotados da revolução angolana. Sua estratégia de policiamento do continente, conhecida

como ‘policeman’, fracassa; e mesmo apoiando várias guerrilhas anticomunistas, não conseguem vencer. Sua estratégia de não atuar diretamente nos conflitos, devido à “síndrome do Vietnã”, os manteve retraídos em relação a um Terceiro Mundo que aprofundava cada vez mais suas revoluções. Em decorrência desses fatores, na década de 1990, os Estados Unidos decidem mudar sua política para a África, a partir de um afastamento África do Sul, e um maior distanciamento de conflitos no continente (WESTAD, 2005; VIZENTINI, 2000).

A URSS se sentiu compelida a entrar no conflito angolano para contrapor a presença norte-americana. Ao apoiar o MPLA, pretendia manter seu *status* de grande potência na África; até então não tinha sido tão atuante na questão, motivada pelo fato do Kremlin não aprovar as intervenções propostas. A crença era de que em algum momento a UNITA cederia e voltaria a negociar com o MPLA, porém a ajuda dos Estados Unidos fez com que eles não sentissem necessidade de flexibilizar seus termos de negociação. O que se observou na política soviética africana foi que se configurou como reativa e oportunista. A aliança entre Estados Unidos e China também foi importante para essa mudança de atuação no continente africano: os soviéticos viram nas independências do Terceiro Mundo a possibilidade de novos aliados para contrabalançar o poderio norte-americano e chinês. Essa participação desencadeou a presença da China no continente, visando evitar que o Kremlin aumentasse sua influência junto aos países de Terceiro Mundo (CHAZAN et al, 1992).

Para os países africanos como um todo, a Revolução Angolana teve grande impacto, principalmente referente a mudanças de atuação das grandes potências no continente. A nova possibilidade de apoio tanto soviético quanto cubano trazia uma nova opção para o desenvolvimento dos países, e a possibilidade de buscar vantagens dos dois lados. Ainda se deve ressaltar a vitória do MPLA sobre as forças apoiadas fortemente pelos Estados Unidos, trazendo a possibilidade de derrota da Grande Potência dentro do continente (WESTAD, 2005). Dessa forma, pode-se concluir que a atuação dos Estados Unidos e da União Soviética possibilitaram o desencadeamento e a consolidação da revolução angolana, pois, conforme Halliday (1989), o sucesso da revolução depende do contexto internacional em que a revolução se insere, visto que questiona uma estrutura vigente.

A África do Sul, no entanto, sai como o grande derrotado do conflito. O exército sul-africano, considerado um dos melhores do mundo, é totalmente derrotado pelas forças angolanas com apoio de Cuba e da URSS. As revoluções na África austral colocam um fim nos regimes racistas nesses países, e a África do Sul é isolada no continente, sofrendo amplo boicote e pressão externa. Como consequência, em 1990 ocorre a independência da Namíbia, e ainda na mesma década o fim do regime do *Apartheid* (PEREIRA, 2010).

Em relação à presença cubana, o que se observa é que foi bem mais expressiva que a ajuda soviética. Agostinho Neto fazia visitas frequentes a Havana, tendo uma grande identificação ideológica com Castro. Também para a ilha a aproximação com a Angola representava estar mais próximo dos países de Terceiro Mundo, podendo aumentar seu prestígio frente a eles. A participação cubana acabou sendo vital para a vitória do MPLA, pois como se afirmou, por vezes o exército cubano foi chamado a reforçar as tropas ligadas ao MPLA. Por fim, ainda se pode acrescentar a vitória das forças apoiadas pelos cubanos sobre as forças apoiadas pelos Estados Unidos, que foi significativa para Havana (CHAZAN et. al., 1992).

5 Conclusões

Por meio do presente artigo foi possível fazer uma revisão histórica do que significou a Revolução Angolana para as Relações Internacionais. A revolução em Angola foi de grande impacto para Portugal, não só porque era sua principal colônia, mas também para o bloco capitalista como um todo, devido às suas grandes potencialidades econômicas (petróleo, ferro, diamantes, minerais estratégicos e produtos agrícolas) e sua posição estratégica no Atlântico Sul e na África Austral.

Percebe-se também o grande impacto que os atores internacionais tiveram durante o processo revolucionário - tanto positivos quanto negativos. Os países não-alinhados, URSS, China, Cuba, e países vizinhos, como Tanzânia e Zâmbia, deram importante apoio e ajuda direta a esses movimentos. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos e os países Europeus (principalmente as antigas metrópoles) apoiavam a presença portuguesa, e posteriormente do sistema capitalista nos países africanos, para impor seus desígnios à geopolítica internacional. Esses apoios vieram por meio dos três grupos presentes na independência e na guerra civil de Angola:

o Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA); a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA); e a União Nacional para Independência Total de Angola (Unita). O MPLA foi o vencedor da guerra civil, e instaurou um regime marxista no país.

Por fim, percebemos a relevância da revolução em Angola ao analisar seus impactos regionais e internacionais. As derrotas norte-americana e sul-africana são um grande marco da revolução, que ocasionou grandes mudanças políticas nos dois países, como a reação conservadora nos Estados Unidos e o fim do regime do *Apartheid* na África do Sul. Já a URSS, e o bloco socialista como um todo, saem vitoriosos, devido primeiramente ao seu crescimento, e do sucesso da nova atuação soviética no continente africano. Vale destacar a atuação cubana na revolução, de grande importância para a vitória do MPLA. Assim, de certa forma, Cuba derrota novamente as forças norte-americanas e consolida suas relações com a África e com o Terceiro Mundo. Dessa forma, o Terceiro Mundo como um todo sai fortalecido, pois além da possibilidade de novas formas de desenvolvimento, se torna uma força importante na balança do Sistema Internacional. Entretanto, o maior impacto da revolução angolana é a contrarrevolução que desencadeia, a partir da reação conservadora, que irá modificar drasticamente as relações entre as superpotências, levando ao fim da Guerra Fria.

The Angolan Revolution and its International Impact

ABSTRACT: This article will deal with the Angolan revolutionary process from the analysis of the Angolan War of Independence and the later Civil War, from 1975 to 2002, to analyze how the insertion of independent Angola into the International System took place. The struggle waged in the country between the different nationalist groups - Popular Movement for the Liberation of Angola; National Liberation Front of Angola; National Union for the Total Independence of Angola - devastated administrative and economic sectors and attracted interest from both the US and European countries as well as neighboring countries like Congo and South Africa. Likewise, countries such as the USSR and Cuba played a major role in the consolidation of the Revolution in Angola.

KEYWORDS: Angola, UNITA, MPLA, FNLA, Revolution.

Referências

CASTELLANO DA SILVA, Igor. **Política Externa na África Austral: Guerra, Construção do Estados e Ordem Regional (África do Sul, Angola, Moçambique, Zimbábue e Namíbia)**. Porto Alegre: CEBRAFRICA-UFRGS, 2017.

CHAZAN, Naomi; LEWIS, Peter; MORTIMER, Robert; ROTHCHILD, Donald; STEDMAN, Stephen John. **Politics and Society in Contemporary Africa**. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1992.

HALLIDAY, Fred. Cold War, **Third World**. Londres: Radius/Hutchinson, 1989.

HÖRING, Jéssica da Silva. **Os Movimentos de libertação nacional em Angola: trajetória política, guerra civil e impactos sobre a construção do Estado (1975-2002)**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

KIERNAN, Victor. **Estados Unidos o novo imperialismo: da colonização branca à hegemonia mundial**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PARADA, Maurício; MEIHY, Murilo; MATTOS, Pablo. **História da África Contemporânea**. Rio de Janeiro: PUC-RIO; Pallas, 2013.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. A África do Sul independente: segregação, Apartheid e transição pactuada (1910-1994). Cap. 2, pp.35-64. In: VISENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz (orgs). **África do Sul: História, Estado e Sociedade**. Brasília: FUNAG/CESUL, 2010.

SCHMIDT, Elizabeth. **Foreign Intervention in Africa: From the Cold War to the War on Terror**. New York: Cambridge, 2013.

SHUBIN, Vladimir. **The Hot “Cold War”: the USSR in Southern Africa**. Londres: Pluto Press, 2008.

SILVA, Márcia. **A Independência de Angola**. Brasília: FUNAG, 2008.

SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs). **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX**. Brasília: UNESCO/ MEC/ UFSCar, 2013.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A África Moderna: um continente em mudança (1960-2010)**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A África na Política Internacional: o sistema interafricano e sua inserção mundial**. Curitiba: Juruá, 2012.

VISENTINI, Paulo Fagundes. PEREIRA, Analúcia Danilevich. MARTINS, José Miguel Quedi. RIBEIRO, Luiz Dario. GROHMANN, Luiz Gustavo. **Revoluções e Regimes Marxistas: rupturas, experiências e impacto regional**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **História do Século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

WESTAD, Odd Arne (Ed.) . **The Global Cold War**. Cambridge: Cambridge, 2005.